

RETIRADA DE CIPÓS - NOVA PRÁTICA EM CAFEZAIS

J.B. Matiello – Eng Agr Fundação Procafé e J.R. Dias e Lucas Franco – Engs Agrs Fdas Sertãozinho e Salvo Gonçalves – Eng Agr Consultor em cafeicultura

O objetivo desta nota técnica é o de relatar as observações nas lavouras de café, que têm mostrado problemas com aumento de ervas trepadeiras, fazendo surgir uma nova prática, que passa a compor os programas de tratamentos culturais, de manejo de cafezais, sendo a retirada dessas plantas de cima dos cafeeiros, conhecida como retirada de cipós.

As ervas daninhas, que infestam os cafezais, são classificadas, quanto ao seu hábito de desenvolvimento, como – rasteiras, erectas e trepadeiras.

As ervas trepadeiras, como o nome indica, tem hábito de subir em suportes próximos, onde encontram sustentação, no caso do cafezal, nascem e crescem, inicialmente, no solo e logo sobem nos pés de café. Assim, são duplamente prejudiciais. Concorrem com o cafeeiro em água e nutrientes, retirados do solo, pelo seu sistema radicular, e, ainda, concorrem em luz, pela cobertura que fazem sobre a copa das plantas de café.

A principal erva trepadeira, que ocorre em cafezais, é a corda de viola (*Ipomea sp.*) verificando-se, numa mesma área, diferentes espécies. Uma com folhas maiores, outras menores, umas com flores pequenas ou grandes e de variadas cores, brancas, roxas, azuis e vermelhas, todas com hábitos semelhantes. Outras trepadeiras podem ocorrer em menor escala, como o cipó de São João, soja perene e outras.

No caso da corda de viola a sua expansão, observada, ultimamente, nos cafezais, se dá pelo grande número de sementes produzidas e pela sua distribuição pelo maquinário transitando, nos tratamentos e colheita das lavouras. A dificuldade de controle ocorre devido a que muitas plantas nascem sob a saia ou entre os cafeeiros, na linha, onde os herbicidas ou as roçadeiras, usados para controle do mato, não tem atuação.

A estratégia de controle da corda de viola consiste em iniciar a aplicação dos herbicidas mais cedo, pegando a maioria delas jovens, ainda no chão. As que escapam, só através de trabalhos manuais, com a retirada por arranquio dos pés, com enxadas, lá onde nasceram, junto aos cafeeiros. Essa prática, conhecida como retirada de cipós, na realidade não os retira, apenas, eles, arrancados do chão, murcham e secam sobre os cafeeiros. Se retirados, além do maior trabalho necessário, poderiam causar danos mecânicos à folhagem, derrubando algumas folhas e, na época de frutificação, também derrubando frutos dos cafeeiros.

Normalmente, são necessárias 2 passadas dos trabalhadores, para retirada de cipós num ciclo, pois muitas ervas escapam da retirada inicial ou crescem novas, depois da primeira passada. O uso de mão-de-obra varia em cada talhão, obviamente dependente do nível de infestação. Pode-se prever, entretanto o emprego de 1,5 – 3 homens dia por ha de cafezal, na execução dessa prática, entrando, assim, como novo componente de despesas, do custo de produção do café.